29 Criação & Crítica

# VOZ E (RE)EXISTÊNCIA FEMININA NEGRA NOS CONTOS "ARAMIDES FLORENÇA" E "MIRTES APARECIDA DA LUZ", DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Deivanira Vasconcelos Soares[1]
Eronilde dos Santos Cunha[2]

**RESUMO:** Este artigo visa analisar a construção de personagens femininas negras nos contos "Aramides Florença" e "Mirtes Aparecida da Luz", enfatizando a resistência e representatividade da maternidade negra, em "Insubmissas lágrimas de mulheres" (2011), de Conceição Evaristo. Tais mulheres protagonizam histórias de luta pela concretização de condições dignas de vida e de liberdade, ressaltado nas narrativas em abordagens singulares. É latente, nos textos, o ecoar de vozes/vidas/escritas utilizadas como mecanismos de combate contra o racismo e o machismo vigentes na literatura brasileira. Nesse sentido, a literatura de Evaristo se opõe à cunhada nas tradições eurocêntricas e escravocratas ao eleger linhas discursivas diferentes da hegemônica, tendo em vista realçar as diversidades culturais e vivências de promoção e empoderamento negro, além de recriar contextos de enunciação, contrapondo-se ao insistente silenciamento negro, em especial da mulher negra. O aporte teórico utilizado foi o lugar de fala, a voz e a letra da mulher na literatura marginal periférica, na concepção de Dalcastagnè (2012) e Ribeiro (2017), a personagem, no estudo de Brait (2017), dentre outros. Nos textos de Conceição Evaristo, as vidas negras têm importância e são construídas de forma humanizada.
**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura negro-feminina; Conceição Evaristo; Resistência; Protagonistas.

## VOICE AND BLACK FEMALE EXISTENCE IN THE "ARAMIDES FLORENÇA" AND "MIRTES APARECIDA DA LUZ", BY CONCEIÇÃO EVARISTO

**ABSTRACT:** This article aims to analyze the construction of black female characters in the short stories "Aramides Florença" and "Mirtes Aparecida da Luz", emphasizing the resistance and representativeness of black motherhood, in "Insubmissas tears of women" (2011), by Conceição Evaristo. Such women are protagonists of stories of struggle for the realization of dignified conditions of life and freedom, highlighted in tales from different perspectives. It is latent, in the texts, the echo of voices / lives / writings used as mechanisms to combat racism and sexism in force in Brazilian literature. In this sense, Evaristo's literature is opposed to literature coined in the Eurocentric and slave-traditions by electing discursive lines different from the hegemonic, with a view to highlighting the cultural diversities and experiences of black promotion and empowerment, in addition to recreating different contexts of enunciation, to the insistent black silencing, especially of black women. The theoretical contribution used was the place of speech, voice and lyrics of women in peripheral marginal literature, in the conception of Dalcastagnè (2012) and Ribeiro

[1] Mestra em Letras (área de concentração: Teoria literária) pela Universidade Estadual do Maranhão-UEMA (2019), Campus São Luís; Pesquisadora no grupo de pesquisa GELITI (Grupo de Estudos Literários e Imagéticos). Professora da Educação Básica.
[2] Mestra em Letras (área de concentração: Teoria literária) pela Universidade Estadual do Maranhão - UEMA. Pesquisadora do GELITI (Grupo de Estudos Literários e Imagéticos - CNPQ). Movimento Negro de Imperatriz (Centro de Cultura Negra Negro Cosme de Imperatriz - CCNNC).

(2017), the character, in the study of Brait (2017), among others. In the texts by Conceição Evaristo, black lives are important and are constructed in a humanized way.
**KEYWORDS:** Black-female literature; Conceição Evaristo; Resistance; Protagonists.

## 1 Por uma perspectiva feminina negra na literatura brasileira

A literatura, por seu caráter plurissignificativo, transcende o meramente racional, sendo possível afirmar que nela não há neutralidade, pois carrega em si marcas ideológicas e as intencionalidades inerentes a todo texto. Nessa perspectiva, é possível assegurar que literatura tem cor, porque "cor remete a identidade, logo a valores, que, de uma forma ou de outra, se fazem presentes na linguagem que constrói o texto" (DUARTE, 2014, p. 11). Por esse caminho, a construção da estética literária negra apresenta novos sentidos e significações.

A literatura negra traz em si o comprometimento com a oralidade, posicionamento e colocação do negro no mundo em toda a sua complexidade. Essa criação é povoada por dramas que movem a literatura universal, marcando sua singularidade a partir de uma vivência negra e da construção humanizada das personagens, que insurgem na escrita em sua totalidade, com acertos e falhas, fragilidades e superações, características inerentes ao ser humano, além de apontar para a conscientização/construção necessária para uma sociedade mais justa e verdadeiramente democrática.

A literatura feita por mulheres negras, personalidades ainda não centrais nos meios de produção literária, representa um ganho inestimável para o cenário da cultura nacional, pois, para além do valor literário dessas obras, tem-se a oportunidade de lidar com um cenário não trabalhado nas escritas eleitas como cânone, uma vez que propõem a reflexão a partir de uma sociedade múltipla em seus diferentes aspectos, sejam eles sociais, culturais, religiosos, políticos ou demográficos. De acordo com Regina Dalcastagnè, a "literatura, amparada em seus códigos, sua tradição e seus guardiões, querendo ou não pode servir para referendar essa prática, excluindo e marginalizando. Perdendo, com isso, uma pluralidade que a enriqueceria" (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 21). Na mesma perspectiva, o escritor Luiz Ruffato (2009) endossa a fala de Dalcastagnè ao afirmar que, na literatura brasileira, em se tratando de prosa ficcional, o homem reina absoluto.

A escrita da mulher negra retrata uma diversidade de realidades ignoradas por outros textos, pois em sua grande maioria apresenta uma mulher forte e lutadora, sensível e cheia de sonhos, em sua essência, que outrora era e em muitos textos continua sendo retratada de forma caricatural, como objeto sexual, desprovida de humanização ou, simplesmente, apagada. Constrói-se o Ser mulher negra sob outros ângulos diante de uma sociedade racista e sexista. Pode-se afirmar que a literatura de autoria feminina, em especial, negra, conforme declara Mirian Alves, é marcada como a escrita que "institui uma reflexão a partir da experiência de um estar no mundo diferenciado, indicado pelo gênero ao grafar uma voz desejante, inquietante e que inquieta, e, assim, desloca a imagem e a autoimagem da mulher" (ALVES, 2010-2011, p. 184).

Molefi Kete Asante, de acordo com o viés da afrocentricidade, afirma que "baseados em nossa história, construímo-nos sobre o trabalho de nossos ancestrais que nos deixaram os símbolos da nossa função humanizadora" (ASANTE, 2014, p. 14). Essa construção e reconstrução do protagonismo negro vai além do individual, perpassando pelo sujeito coletivo, na perspectiva de deificação da história do povo negro e de sua ancestralidade.

Logo, é possível refletir sobre a luta pela legitimação de uma escrita negra e feminina, que insurge com uma nova postura literária, aviltando dar visibilidade às complexidades da vida e do processo identitário das mulheres, numa tentativa de redimensionar vozes negras, uma vez que, "essas diversidades de vozes não é um mero eco de modismos acadêmicos, mas algo com importância política" (DALCASTANGNÈ, 2012, p. 47).

Apoiado no estudo de obras de escritoras femininas é possível perceber marcas de distinção, pois elas carregam, em seus discursos/escritas, uma multiplicidade de clamores próprios. Ao aderir ao momento vivido, mas ao mesmo tempo distanciar-se dele, essas escritoras aventuram-se a balizar na literatura negro-brasileira matizes de linguagens, perpetradas subjetivamente nas tradições e ancestralidades africanas, apontando para caminhos que possibilitam a reconstrução positivada de suas personagens.

Partindo da apresentação dessa escrita feminina negra, localiza-se algumas questões que povoam o imaginário popular e inquietam os "pseudo" donos do fazer literário, quais sejam: essa literatura interessa a quem? De quem são as vozes que protagonizam essas narrativas? O centro da cena é ocupado por quem? Esses e outros questionamentos que validam, por um lado, e buscam fraturas, por outro, retomam a afirmação de Dalcastagnè (2012) de que há os que relutam em aceitar o valor intrínseco da escrita outrora (e ainda) marginalizada.

Outro ponto que merece ser evidenciado é o de que a arte nasce de um contexto social, pois de uma realidade latente na formação de uma sociedade. O que se forma com a efervescência da literatura feminina negra é a possibilidade de conhecermos singularidades para com os seus pares, de gênero e raça; concebendo-se, assim, um resgate de materiais e/ou conteúdos objetivos e subjetivos formadores das bases sociais que foram por muito tempo invisibilizados ou retratados sem o necessário contraponto do "lugar de fala", uma vez que a escrita feminina foi podada e a negra, quase que impossibilitada.

Felizmente, as transformações sociais nos presenteiam, como resultado de muita resistência e persistência, com a diversidade de escritoras e dizeres que de maneira mais consistente/coerente melhor problematizam seus diferentes aspectos e a diversidade da construção histórica e política do Ser e da representatividade feminina negra. O fato de essa mulher estar escrevendo e de tematizar sua feminilidade garante um lugar de representatividade da mulher real e provoca o sentido social do fazer artístico detalhado por Antonio Cândido, de que

> A arte é social nos dois sentidos: depende da ação de fatores do meio, que se exprimem na obra em graus diversos de sublimação; e produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando sua conduta e concepção do mundo, ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais. (CÂNDIDO, 2006, p. 30).

Em diálogo com o teórico, nos colocamos diante de uma necessária transformação social que também é impulsionada pela escrita feminina negra, uma vez que, nascendo das entranhas da coletividade de luta volta para ela como construção identitária, como fortalecimento da ancestralidade e do orgulho de saber-se negra, vista e valorizada. Desse modo, afirma-se que os mecanismos de legitimação e representação dessa escrita periférica, marginal, negra e feminina precisam ser cada vez mais fortalecidos para que se acelerem os usos de outras concepções de mundo. Define-se, assim, que "a Literatura Marginal [...] é uma literatura feita por minorias, sejam elas raciais ou socioeconômicas. Literatura feita à margem dos núcleos centrais do saber e da grande cultura nacional, ou seja, os de grande poder aquisitivo" (FERRÉZ, 2005, p. 12).

A existência da literatura produzida por mulheres negras exige que as condições estruturais sejam canalizadas de forma a dissipar as desigualdades existentes entre a literatura feita por homens e mulheres, por brancas e negras. Mesmo diante dessa problemática, a escrita negra, que foi e ainda é reiteradamente marginalizada, está se expandindo vertiginosamente e chegando em maior escala aos espaços de divulgação, venda, disseminação e leitura das obras pelos potenciais leitores, constituindo-se em um perfil publicado e consumido, reafirmando o processo de consolidação de uma prática que envolve um número significativo de sujeitos, mulheres e homens negros/as, tanto do lado da produção, quanto da recepção.

Exemplo de um avanço nesse cenário, pelo menos na escrita não ficcional, é a filósofa brasileira negra Djamila Ribeiro que permanece no topo das vendas de livros de não ficção com o livro "Pequeno Manual antirracista" (2019), por várias semanas consecutivas, tendo ocupado a lista, na segunda semana de junho (2020) com três títulos, além do já citado, "Quem tem medo de feminismo negro" (2018) e "Lugar de fala" (2017), dividindo o *ranking* com outra escritora negra, que relata uma narrativa de si, Michele Obama, com o livro "Minha história" (2018).

Porém, quando retomamos a escrita literária, ficcional, o universo por onde deveria circular com naturalidade continua restrito, cheio de entraves oriundos de uma histórica estrutura política, social e cultural marcada pela presença do racismo, machismo, sexismo que ignoram a consistência discursiva e a qualidade inegável, além do valor social dessas produções. Desconsideram (ou têm certeza de?) que essa escrita preta se torna abalizadora de um processo de empoderamento e de redescobertas.

A escrita feminina negra traz vivências e trajetórias díspares, resvalando na concepção e construção das formas narrativas e perpassando por essa narrativa, no tocante ao reconhecimento e recentralização desse cíclico processo de ser e existir. Simbolicamente, a figura feminina se faz como sujeito e protagonista de sua história, numa construção que se identifica com a teoria da afrocentricidade, fazendo uma outra

história para a literatura nacional, concordando com Octávio Paz (2012) quando diz que "todo estilo e produtos são históricos", mas, contradizendo-o por afirmar, categoricamente, os valores ideológicos e o projeto social que motiva esse fazer artístico de literatura negra e feminina.

Essa força literária e ideológica, construída a partir de uma observação sensível e assertiva das vivências é percebida na "escrita-pedra" de Conceição Evaristo quando ela cria personagens que confrontam o conservadorismo literário, colocando-nos, enquanto mulheres negras, diante de nosso próprio espelho. Temos na escritora uma importante contribuição na coletividade de escritoras/es negras/os ou afro-brasileiras/os que escrevem, também, com uma postura, em termos da existência de uma "textualidade afro-brasileira", nesse caso, feminina.

Diante da dificuldade de ampliação e fortalecimento dessa literatura feminina negra, Evaristo, por ser a prova viva do jogo da invisibilização e/ou das contumazes tentativas de silenciamento, afirma no ensaio "Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade" que dentro da literatura brasileira:

> Pode-se dizer que um sentimento positivo de etnicidade atravessa a textualidade afro-brasileira. Personagens são descritos sem a intenção de esconder uma identidade negra e, muitas vezes, são apresentados a partir de uma valorização da pele, dos traços físicos, das heranças culturais oriundas de povos africanos e da inserção/exclusão que os afrodescendentes sofrem na sociedade brasileira. Esses processos de construção de personagens e enredos destoam dos modos estereotipados ou da invisibilidade com que negros e mestiços são tratados pela literatura brasileira, em geral (EVARISTO, 2009, p. 19-20).

Nessa perspectiva de consistência, valor literário, sentimentos de identificação e pertencimento aliados a uma significativa representatividade do ser feminino, mulher e mãe, foi que se estabeleceu a escolha, para análise, dos contos "Aramides Florença" e "Mirtes Aparecida da Luz", do livro "Insubmissas lágrimas de mulheres", de Conceição Evaristo. Elas, título e protagonistas das narrativas, restituem e personalizam uma identidade de mulher, parte da conjuntura social brasileira, de quem foi negado um retrato, um espaço de fato e de direito, como parte do todo social, na literatura tradicional.

É imprescindível ressaltar que emergiu com Conceição Evaristo a "escrevivência",

> um neologismo que, por uma questão morfológica, facilmente compreendemos do que se trata. A ideia de juntar escrita e experiência de vida está, em vários textos, ligada à literatura contemporânea. Entretanto, Evaristo se apropria do termo para elucidar o seu fazer poético e lhe fornece contornos conceituais" (CORTÊS, 2009, p. 52).

Ela faz narrativas repletas de uma subjetividade autoral, de vida e escrita do cotidiano, das memórias, das histórias e vivências, mesmo diante de fendas estruturais quase intransponíveis de um sistema racista, machista, opressor e em meio a um

conturbado contexto de exclusão e violência, pela condição de mulher, pobre e negra. A escritora é oriunda das classes populares e, além da dedicação para com a literatura, atua como professora, pesquisadora e ensaísta. Seu projeto literário é permeado pela condição de mulher negra consciente de si, resgatando falas, histórias e memórias.

Tendo a capacidade de circular com autonomia pelos movimentos sociais e espaços acadêmicos, Conceição Evaristo se tornou referência em estudos sobre a violência contra a comunidade negra. Além disso, é detentora de um projeto estético que aponta para as discussões sociais de gênero, raça e classe, entendidas como categorias associadas ao processo de identificação e construção social, já que estruturadas com o poder de promover profundas desigualdades sociais.

Nos contos “Aramides Florença” e “Mirtes Aparecida da Luz”, as histórias são construídas a partir de uma vivência de localização e experiência ancestral. A literatura de Conceição Evaristo demarca territórios firmando posicionamentos e trazendo à tona a força cultural de uma ancestralidade, que a partir de memórias pessoais vai tomando corpo, arrebanhando outras histórias/vidas, em uma crescente composição de fortunas literárias escritas, mas com marcas da oralidade.

O livro contém treze contos, nos quais as vozes que ecoam são femininas. As narrativas são construídas, conforme a própria autora afirma, a partir de histórias ouvidas recontadas, como se ela própria se transformasse em uma espécie de “contadora de histórias”. Com linguagem simples e objetiva, ao leitor são apresentadas várias protagonistas-mulheres negras.

O discurso trabalhado no livro desvela e, ao mesmo tempo, denuncia a naturalização da violência e exploração contra a mulher, o processo de objetificação do ser negro e as sistêmicas relações patriarcais, predominantes no cotidiano das relações socioculturais brasileiras. Esse comprometimento, diante de tais situações, impele a literatura evaristiana no sentido de arrebentar grilhões, destruir mordaças e tomar, em suas mãos, o leme/controle de sua escrita-corpo-vivência.

## 2 personagens prenhes de dizeres

> *A brandura de minha fala*
> *na violência de meus ditos*
> *ganhei de mãe,*
> *mulher prenhe de dizeres,*
> *fecundados na boca do mundo. (EVARISTO, 2008, p. 32).*

Na perspectiva de compreender o que está encrustado no cerne da palavra, não apenas na epiderme da obra, em sua superfície, mas aprofundando os estudos a partir do dito/grafado e do sugerido nos textos, as personagens que nomeiam os contos “Aramides Florença” e “Mirtes Aparecida da Luz” são analisadas neste estudo, num diálogo entre si, em função da aproximação temática das narrativas. São apresentadas com vistas à construção do protagonismo feminino, da abordagem sobre a

representatividade da fertilidade e resiliência da mulher negra, revelando um trabalho de ressignificação dessas personagens.

Nesse caminhar, a literatura de Conceição Evaristo se opõe àquela cunhada nas tradições eurocêntricas e escravocratas, em que as personagens negras, quando aparecem nas obras, continuam sendo estereotipadas e estigmatizadas, como: destruidora de lar, mulata fogosa, negra de estimação, infértil, infiel, dentre outras representações pejorativas. As protagonistas, nesses contos, bem como em todo o livro "Insubmissas lágrimas de mulheres", pertencem a um núcleo familiar, são férteis, independentes, possuem antepassados e descendência, portanto, são mulheres que não cabem no mito da fragilidade feminina, pois, quando

> falamos do mito da fragilidade feminina, que justificou historicamente a proteção paternalista dos homens sobre as mulheres, de que mulheres estamos falando? Nós, mulheres negras, fazemos parte de um contingente de mulheres, provavelmente majoritário, que nunca reconheceram em si mesmas esse mito, porque nunca fomos tratadas como frágeis. Fazemos parte de um contingente de mulheres que trabalharam durante séculos como escravas nas lavouras ou nas ruas, como vendedoras, quituteiras (CARNEIRO, 2003, p. 50).

Sueli Carneiro reitera que, ao contrário das mulheres brancas, as negras nunca foram consideradas frágeis e nem protegidas pela sociedade branca e colonial. Aliás, durante muitos séculos, nem sequer eram consideradas seres humanos. Elas já nascem, historicamente, fortes, porque resistem e sobrevivem a condições subumanas.

Essas vidas negras têm importância e são apresentadas, nos contos, do ponto de vista de uma narradora também negra, que se solidariza com as protagonistas e utiliza-se dos recursos da linguagem para recontar as histórias, ao mesmo tempo em que se identifica com as personagens repletas de falhas, qualidades, desejos e insucessos, ou seja, constrói essas criaturas de forma humanizada. Na obra "A personagem", Beth Brait compara o trabalho de um/a escritor/a, no processo de construção da personagem, com o de um bruxo que recorre a diferentes ingredientes e vai dosando-os a fim de engendrar suas criações. No caso da criação literária, esses elementos criadores podem ser retirados "da vivência real ou imaginária, dos sonhos, dos pesadelos ou das mesquinharias do cotidiano" (BRAIT, 2017, p. 73).

Sendo o texto o produto final dessa alquimia, é relevante que, em uma narrativa, sejam estudadas "as formas encontradas pelo escritor para moldar, para caracterizar as personagens, sejam elas encaradas como pura construção linguístico-literária, espelho do ser humano ou as duas coisas ao mesmo tempo" (BRAIT, 2017, p. 73). Ao tentar caracterizar as personagens, não se pode preterir o papel do/a narrador/a. Em "Insubmissas lágrimas de mulheres", a narradora conduz as/os leitoras/es à medida que costura a sequência narrativa.

Ao recontar as histórias, a narradora faz alusão a outras narrativas e personagens do livro, o que se confirma no conto "Lia Gabriel": "Enquanto Lia Gabriel me narrava a

história, a lembrança de Aramides Florença se intrometeu entre nós. Não só a de Aramides, mas de várias outras mulheres se confundiram em minha mente" (EVARISTO, 2011, p. 81). Esse fio condutor desnovelado pela fala da narradora possibilita uma maior aproximação e cumplicidade entre as/os leitoras/es e as personagens, no decorrer da realidade ficcional exposta, pois a narradora, "de forma discreta, vai criando um clima de empatia, apresentando a personagem principal de maneira convincente e levando o leitor a enxergar, por um prisma ao mesmo tempo discreto e fascinado, a figura do protagonista" (BRAIT, 2017, p. 86).

Essas mulheres protagonizam histórias de luta pela concretização de condições dignas de vida e de liberdade do povo negro, o que é ressaltado em diferentes perspectivas. Implicam-se a promoção da autonomia feminina e o fortalecimento dos laços familiares, haja vista que, mesmo "quando os esforços da população negra para manter e estreitar seus laços familiares eram cruelmente atacados, a família continuava sendo um importante caldeirão de resistência, gerando e preservando o legado vital da luta coletiva por liberdade" (DAVIS, 2017, p. 69).

No que se refere à necessidade do fortalecimento dos vínculos familiares para a sustentação das tradições do povo negro, a protagonista Aramides Florença demonstra ter consciência da relevância da perpetuação de seu legado por meio de seu filho, ou melhor, de seu "bem-amado", como fez questão de apresentá-lo à narradora. A personagem feminina oferecia, através de seu corpo/alimento, o líquido viscoso que vertia de seus negros seios e que era convertido em fonte de vida, nutria de afeto e sustentava o filho Emildes.

O líquido, que se apresenta como o leite nesse conto, é recorrente na obra, não só nessa forma, mas como uma representação vital, produzido e/ou expelido do corpo dela e das demais personagens como leite, líquido amniótico, lágrimas, sangue, líquido vaginal e urina. Eles apresentam distintas simbologias dentro das narrativas, tais como: alegria, vida, sofrimento, morte, separação, constituindo-se como metáforas da memória/trauma.

Aramides vivia um relacionamento feliz ao lado de seu homem, até que, a partir de um exame de urina, elemento fluido que acionou a mudança no percurso de sua história, ela descobriu que estava grávida e sua vida começou a mudar. Em seu ventre, a "criança, exímia nadadora, bulia incessantemente na bolha d'água materna" (EVARISTO, 2011, p. 14). Desde que se descobriu grávida, sua relação conjugal começou a ruir. Seria o filho uma ameaça para o pai? Ou o fato de Aramides tornar-se mãe a faria poderosa, e ele já não seria tão importante, ficando em segundo plano, haja vista que a simbologia da mãe está ligada ao mar, a fertilidade, portanto, ao poder de gerar, alimentar e criar outras vidas?

A mesma alegria advinda do sentimento da maternidade, por ser portadora da vida, também a tomara de medo e dor, quando, propositalmente, o companheiro deixou um aparelho de barbear no leito dos dois, ferindo seu ventre: "Um filete de sangue escorria de uns dos lados de seu ventre" (EVARISTO, 2011, p. 14). Algumas semanas depois, ele, com a desculpa de estar distraído, macera um cigarro acesso na barriga da

protagonista, e “a bolha que se formou no ventre de Aramides, dias depois vazou” (EVARISTO, 2011, p. 15).

As pistas de eclosão de um ápice de violência vão, gradativamente, progredindo, e, mesmo com a sensação de desconfiança diante das sucessivas agressões sofridas, no final da gravidez, a protagonista queria acreditar que aquele homem, escolhido por ela para ser seu companheiro e pai de seu filho, não seria capaz de, premeditadamente, fazê-la sofrer. No entanto, após o parto, os temores aumentaram, e um “medo começou a rondar o coração e o corpo de Aramides” (EVARISTO, 2011, p. 17), diante do olhar de seu companheiro. Antes tão charmoso e caloroso, que tanto a agradava, agora a deixava incomodada, pois “já não era mais um olhar sedutor, como fora inclusive durante quase toda a gravidez, e sim uma mirada de olhos como se ele quisesse agarrá-la à força” (EVARISTO, 2011, p. 17).

Nos trechos em que essa figura masculina aparece, tanto nos momentos de harmonia quanto nos de tensão, há uma provocação que faz aguçar a curiosidade do/a leitor/a, pois esse homem aparece, na narrativa, sempre denominado de “o pai de Emildes” ou “o pai de meu filho”. Ele é um ser desprovido de nome, o que lhe confere a condição anônima. A ausência de nome próprio, não apenas nesse conto, mas na maioria dos personagens masculinos da obra, transformam essas figuras em criaturas sem identidade, apresentadas pelas protagonistas, considerando a complexidade das experiências que eles lhes proporcionam.

Poucas semanas após o nascimento do filho de Aramides, o pai continua nutrindo ciúme doentio pela mãe. O filho representava a chegada de outro a disputar o amor daquela mulher, ou seja, a tríade da sagrada família composta por Aramides, Emildes e o pai, que deveria fortalecê-los, trazer paz, foi compreendida pelo pai como ameaçadora, o que acentuou o desequilíbrio familiar. Esse sentimento de inquietação ganhou corpo, e a “sutil fronteira da comédia da paz, que nos últimos tempos reinava entre o casal, se rompeu” (EVARISTO, 2011, p. 17). E o homem, após o nascimento da criança, em um ato de extrema violência e como símbolo de retomada “do corpo/objeto” daquela mulher, estupra-a como sinônimo de domínio.

> Estava eu amamentando o meu filho – me disse Aramides [...] – quando o pai de Emildes chegou. De chofre, arrancou o menino de meus braços, colocando-o sem nenhum cuidado no bercinho. Só faltou arremessar a criança. Tive a impressão que tinha sido esse o desejo dele. No mesmo instante, eu já estava de pé, agarrando-o pelas costas e gritando desesperadamente. Ninguém por perto para socorrer o meu filho e a mim. Numa sucessão de gestos violentos, ele me jogou sobre a nossa cama, rasgando minhas roupas e tocando violentamente com a boca um dos meus seios que estava descoberto, no ato da amamentação de meu filho. E, em mim, o que ainda doía um pouco pela passagem de meu filho, de dor aprofundada sofri, sentindo o sangue jorrar. [...] Nunca a boca de um homem, como todo seu corpo, me causara tanta dor e tanto asco até então (EVARISTO, 2011, p. 18).

Aramides, mesmo em desvantagem por estar se recuperando do parto e por ter sido pega de surpresa, no momento em que amamentava seu filho, ao perceber a investida do companheiro contra ela e Emildes, sem pensar nas consequências, avança contra o agressor na tentativa de proteger seu filho. A criança não sofre maiores agressões, mas Aramides é violentada. Durante a violação de seu corpo, ainda consegue proteger um dos seios, porque sabia que dele dependia o precioso e único alimento aceito por Emildes.

O homem, duplamente covarde, toma de assalto o leite que amamenta seu filho Emildes, machuca o corpo, destrói sonhos e rompe os desejos que a protagonista nutre em relação a ele. Ela enfatiza, ainda: eu "havia deixado conceber em mim, um filho. Era esse o homem, que me violentava, que machucava meu corpo e a minha pessoa, no que eu tinha de mais íntimo" (EVARISTO, 2011, p. 18). O pai do filho de Aramides a estuprou, ainda no puerpério. "E quando ele se levantou com o seu membro murcho e satisfeito, a escorrer sangue que jorrava de mim, ainda murmurou entre os dentes que não me queria mais" (EVARISTO, 2011, p. 18).

A protagonista é acometida por uma das piores violências que uma mulher poderia sofrer, por simbolizar a coisificação/objetificação do corpo feminino e, ao mesmo tempo, ser utilizado como arma/estratégia de dominação e fortalecimento do machismo, racismo, herança do período escravocrata. Assim como os castigos físicos e a mutilação, o estupro, "na verdade, era uma expressão ostensiva do domínio econômico do proprietário" (DAVIS, 2016, p. 20), era a imposição coercitiva sobre as mulheres negras, principalmente em relação a seus corpos.

Segundo Pierre Bourdieu, a

> dominação masculina, que constitui as mulheres como objetos simbólicos, cujo ser (*esse*) é um ser-percebido (*percipi*), tem por efeito colocá-las em permanente estado de insegurança corporal, ou melhor, de dependência simbólica: elas existem primeiro pelo, e para, o olhar dos outros, ou seja, enquanto objetos receptivos, atraentes, disponíveis. Delas se espera que sejam "femininas", isto é, sorridentes, simpáticas, atenciosas, submissas, discretas, contidas ou até mesmo apagadas (BOURDIEU, 2012, p. 82).

As mulheres que povoam a obra de Conceição Evaristo são sobreviventes, pois tiveram suas histórias marcadas pela violência. Evaristo traz para o conto um homem sem identidade, que violenta física e psicologicamente a companheira, dos últimos meses de gravidez até o pós-parto, e uma mãe que é o próprio alimento do filho e, após ser abandonada pelo "companheiro", com o filho recém-nascido, sozinha e desamparada, reconstrói sua história e assegura sua maternidade. Ela prioriza, conscientemente, sua vida, a educação e proteção de seu filho, ofertando-lhe o que o pai e, mais tarde, possivelmente, a sociedade negariam a ele: o direito a ter direitos.

Após o estupro e abandono, Aramides passou a se dedicar exclusivamente a reconstrução de sua vida ao lado do filho, ao lado de seu "bem-amado". Conforme a

narradora, a criança, mesmo pequena, parecia esboçar reação de alegria e alívio perante a ausência do pai:

> Ele começou a balbuciar algo que parecia uma cantiga. Aramides me olhou, dizendo feliz que o seu filho pronunciava sempre os mesmos sons, desde que o pai dele havia partido, há quase um ano, quando o bebê tinha somente alguns dias de vida. Eu percebi intrigada que, tanto pelos sons, como pela expressão de rosto e movimentação de corpo do menininho, o melodioso balbucio infantil se assemelhava a uma alegre canção. Teria a criança tão novinha [...] rejubilado também com a partida do pai? Só a mãe, só a mulher sozinha, lhe bastava (EVARISTO, 2011, p. 12).

O sentimento de alívio era compartilhado por Aramides. O texto faz provocações acerca do modo e das condições em que a família, a mulher negra se reinventa para garantir sua sobrevivência.

Para Angela Davis, não cabe às mulheres negras a "exaltação ideológica da maternidade", tão difundida desde o século XIX, pois, para a sociedade escravocrata e, especialmente, para seus proprietários, elas "não eram realmente mães; eram apenas instrumentos que garantiam a ampliação da força do trabalho escravo. Elas eram 'reprodutoras' – animais cujo valor monetário podia ser calculado com precisão a partir de sua capacidade de se multiplicar" (DAVIS, 2016, p. 19). Esse olhar machista e objetificador, em relação à mulher/mãe negra, é reminiscência de uma vida familiar escrava, (des)estruturada por um sistema social racista.

Aramides Florença, por não se deixar calar diante das intempéries da vida, das imposições sociais, dos abusos e opressões, que, como sombras, perseguem a vida das mulheres negras, traz em si a representatividade coletiva de insubordinação e resiliência. E, ao contar sua história para a narradora, história que também é coletiva, pois ecoa outras existências, Aramides estabelece uma comunhão de vozes-mulheres, algumas silenciadas, outras interditadas, mas que, ao superarem as amarras, expurgam dores e resistem ao esquecimento imposto.

## 2.1 A cegueira dá luz

A reflexão sobre a maternidade da mulher negra é reiterada no conto "Mirtes Aparecida da Luz", cujo título remete a elementos da religião judaico-cristã, na perspectiva da representatividade feminina, na figura de duas santas da religião católica. A primeira, Nossa Senhora Aparecida, a padroeira do Brasil, santa negra, foi encontrada por pescadores, no século XVIII, no Rio Paraíba, e, simbolicamente, deixou-se encontrar, em forma de imagem, ao aparecer na rede de pescaria lançada ao rio pelos pescadores. A segunda santa, Nossa Senhora da Luz, corresponde a Maria, que concebeu, em seu ventre, Jesus Cristo. Segundo ensinamentos bíblicos, Nossa Senhora da Luz simboliza a

estrela que orientou e cuidou com amor materno de seu filho Jesus e, do mesmo modo, guia e ilumina o povo ao encontro do salvador Jesus Cristo, filho de Deus e luz do mundo.

Metaforicamente, Mirtes Aparecida da Luz possui a força dessas duas santas católicas, pois, literalmente, dá luz à filha, ao concebê-la, criá-la e orientá-la. E, com sua luz, conduz a vida conjugal e familiar, não permitindo que a escuridão de seus olhos limitasse sua existência. Para Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, a luz "é relacionada com a obscuridade para simbolizar os valores complementares ou alternantes de uma evolução" (CHEVALIER, GHEERBRANT, 2006, p. 567). Assim sendo, a luz de Mirtes não se limita aos olhos; na verdade, provém dos conhecimentos ancestrais e sabedoria que emanava de suas vivências.

Mirtes Aparecida não se deixa conduzir; ao contrário, toma dianteira e conduz até a narradora, quando esta foi ao seu encontro: "Daluz veio me abrir a porta, no mesmo instante em que eu dava as primeiras pancadinhas, tal foi a desenvoltura dela, que cheguei a duvidar de que a moça não enxergasse tanto quanto eu" (EVARISTO, 2011, p. 69). Nesse fragmento, a fala da narradora denota pouco conhecimento sobre a cegueira, no que se referia às capacidades de Daluz (o conto nomeia a protagonista com esse codinome, que usamos também nesse artigo). Ressalta-se que esse (pre)conceito acomete muitos que consideram que as/os cegas/os, pela limitação visual, sejam menos capazes.

Mas o que seria a cegueira? Estaria a sociedade contemporânea com a visão comprometida, diante do esfacelamento do ser? Seria a cegueira de Daluz um indicativo da necessidade de enxergar além da realidade imposta? Ou uma denúncia da invisibilização de determinados grupos sociais, em detrimento do gênero, classe social, religião, etnia?

Para Mirtes Aparecida da Luz, a cegueira, antagonicamente, possibilitou a ampliação de sua visão, através do aguçar dos demais sentidos, de forma que a narradora declara: "depois de suaves toques sobre os meus cabelos, meus olhos, minha boca e de leves tapinhas sobre as minhas mãos, concluiu que eu estava tensa [...]. Era verdade, eu estava muito tensa" (EVARISTO, 2011, p. 69). É válido ressaltar que não se percebe a realidade só por meio dos olhos, pois ver vai muito além do olhar e do funcionamento fisiológico dos olhos. As mãos de Daluz são como o prolongamento ou, de certo modo, substituto dos olhos, que, ao tocar, enxergam. Em conformidade, para Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, as mãos dos homens estão ligadas à visão e ao conhecimento, tendo como fim a linguagem; dessa maneira, elas exprimem "as ideias de atividade, ao mesmo tempo que as de poder e dominação". (CHEVALIER, GHEERBRANT, 2006, p. 589).

Ser cego, ainda de acordo com Chevalier e Gheerbrant, tem dois aspectos: um nefasto e outro fasto. Para uns, significa "ignorar a realidade das coisas, negar a evidência [...]"; por outro lado, "para outros, o cego é aquele que ignora as aparências enganadoras do mundo e, graças a isso, tem o privilégio de conhecer sua realidade secreta, profunda, proibida ao comum dos mortais" (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2006, p. 217). A cegueira da personagem tem a conotação do que é fasto; portanto, a segunda significação dada pelo dicionário de símbolos, pois a sensibilidade e percepção apuradas

não a deixam ser enganada tão facilmente pelas aparências e a possibilita enxergar a vida em maior amplitude e profundidade.

A cegueira de Daluz era congênita, em decorrência de uma doença adquirida por sua mãe, no início da gravidez. Em virtude disso, a personagem não possuía memória visual, situação diferente de quem já enxergou e perdeu a visão. Essa condição de cega não impediu seu desenvolvimento. Tal constatação é anunciada pela própria Mirtes Aparecida, que ilumina a narrativa ao reafirmar: “tenho, no meu corpo, a minha completude, que é diferente da sua. Um corpo não é só olhos” (EVARISTO, 2011, p. 72). Tal assertiva sobre a completude de seu Ser é proferida para a narradora e, por extensão, para os/as leitores/as. Com a ausência da visão, a protagonista “enxerga” o mundo a sua volta pela ótica de outros sentidos.

O esposo de Mirtes Aparecida da Luz, apesar de também não ter nome próprio, era “o companheiro” dela. Ele tinha consciência de seu dever ao tornar-se pai e, ainda que não procriando por si mesmo, sabia de sua responsabilidade. Ele/o pai “representa um poder único em sua essência e duplo na sua manifestação” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2006, p. 679). Por não compreender o universo diferenciado – mas, em nenhum momento, menos rico – de Daluz, o esposo, mesmo estando fisicamente ao lado dela, tateia perdido na obscura realidade, de maneira diferente do pai de Emildes que se mostrou violento, física e afetivamente.

Esse homem, conquanto seja companheiro, vive um acentuado medo de ter gerado um/a filho/a cego/a. Esse pavor, possivelmente, é agravado por ele não conseguir ver, com nitidez, pelo prisma da esposa, que tinha a completude mediante a falta – quem sabe por vitimizar Daluz, acreditando que a cegueira a aprisionava; de certo, por não conseguir observar a companheira como um ser que possuía limitações, como qualquer outra pessoa, e que isso não a tornava inferior; ou, ainda, por conhecer, suficientemente, a crueldade do ser humano diante do que “não é espelho”.

Por um lado, Daluz regozijava-se com sua própria gravidez. Por outro, imaginar essa realidade caótica, para a geração do filho, consumia o pai. Ele vivia, conforme a percepção da protagonista,

> em confuso e angustiante sentimento de paternidade de um filho, que ele não sabia como poderia ser, estaria sendo vivido por ele. Durante os nove meses, desde o momento em que nos percebemos grávidos, ainda no primeiro mês, meu companheiro talvez desenhasse, na amedrontada imaginação dele, uma criança que poderíamos ter. Aparentemente tranquilo, mas era visível a interrogação dele. Como seria a nossa criança? (EVARISTO, 2011, p. 71).

Na tentativa de extirpar essa dor, o companheiro de Mirtes Aparecida comete suicídio, um ato que, de acordo com o olhar, para alguns, poderia parecer heroísmo; para outros, configurava-se como covardia. Para a protagonista, a “retirada” de seu homem deixou “um eterno vazio” regado pelo sofrimento e dúvida de não saber os reais motivos que o impulsionaram a tomar tão desesperada atitude. Isso é latente ao se destacar o

apreço que Daluz demonstrava pelo parceiro, acentuado a partir do fato de que ela iniciou o relato de sua história pela apresentação dele: “E foi pela apresentação dessa personagem que Daluz começou a me contar a sua história” (EVARISTO, 2011, p. 71).

A protagonista confessa à narradora as inquietações e interrogações a respeito do motivo do suicídio: “o porquê da renúncia dele em continuar conosco. Não sei e nunca saberei. Não tenho respostas, só perguntas” (EVARISTO, 2011, p. 72). Mesmo diante da lancinante tristeza pela “partida” inesperada do companheiro, Aparecida resiste, por ela, pela filha, pela esperança da continuidade de sua história e memória através da Luz de Gaia. Faz-se necessário continuar avançando e contrapondo, pois só assim se “multiplicam forças e revigoram a existência na tessitura da solidariedade e da resistência” (SOUSA E SILVA, 2016, p. 12). Já não há mais nem tempo, nem espaço para emudecimento, diante de todas as formas de violência.

No tocante à resistência feminina e à maternidade negra, há semelhança entre as personagens Aramides Florença e Mirtes Aparecida da Luz. Enquanto, diante das situações de conflito, a primeira fincou o pé, protegeu seu filho e enfrentou seus monstros, sobrevivendo à fúria e ao abandono do pai de seu primogênito Emildes, assim também o fez Daluz, sua semelhante, ao não recuar diante da morte de seu companheiro, haja vista que tinha convicção de sua força e consciência de que a vida de sua menina, Gaia, estava diante de suas mãos.

Nessa última narrativa, há a transitoriedade e circularidade da vida, captada no exato instante em que o companheiro de Daluz se depreende da matéria física, enquanto a filha emerge do ventre iluminado de Aparecida, trazendo consigo a luz da existência de sua matriarca e o brilho aceso dos olhos de seu progenitor: “no exato momento dos primeiros gritos anunciadores da vida de Gaia Luz [...]. Vida e morte se conjugaram no mesmo instante. Gaia nascia e o pai aspirava a morte, em nossa casa” (EVARISTO, 2011, p. 72).

Gaia Luz se constrói das vivências experienciadas e da herança materna e paterna:

> Dizem que ela se parece muito com o pai. Concordo, embora o feitio do corpo e o tom de pele enegrecido deixem Gaia um pouco parecida comigo. Mas tudo em minha filha, o timbre de voz, o tom cantante da fala, a longa silhueta, o gosto pela astronomia, é para mim a memória continuada do pai na pessoa dela. E mais, muito mais, a minha filha herdou dele. Os belos olhos castanhos escuros do pai brincam no rosto de minha filha, dizem todos, e conduzem a visão independente dela. Gaia enxerga como você. (EVARISTO, 2011, p. 72-73).

Pela força simbólica que representa seu nome, Gaia estabelece relações com a deusa grega primordial, divindade nascida do caos, que gerou a si e ao mundo, ao mesmo tempo correspondendo a um complexo sistema que envolve atmosfera terrestre, a biosfera, os oceanos, o solo, ou seja, a representatividade do planeta Terra. Enquanto Gaia traz a simbologia da vida terrestre, o segundo termo, Luz, remete ao conhecimento e

“sucede as trevas, tanto na ordem da manifestação cósmica como na da iluminação interior” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2006, p. 568).

Além da simbologia dos nomes das protagonistas que compõem todos os títulos da obra “Insubmissas lágrimas de mulheres”, da marcante presença do matriarcalismo negro e da relevância da fertilidade feminina, atributos pontuados nos contos, o texto “Mirtes Aparecida da Luz” é enriquecido por figuras de linguagem e/ou de pensamento: “suas mãos caminharam para o meu rosto, procurando suavemente pelos meus olhos” (EVARISTO, 2011, p. 70), recurso utilizado para caracterizar a personagem Daluz, mulher independente, mesmo diante das “limitações” decorrentes da cegueira, o que em nenhum momento mostra-se como fator limitante.

A narradora confirma isso, ao ser recebida e conduzida na residência de Daluz: “com o mesmo desembaraço, me apontou a cadeira, abriu a cristaleira para retirar as xícaras, coou o café e me passou os biscoitinhos caseiros, feitos por ela mesma” (EVARISTO, 2011, p. 69). Esse desconhecimento acerca das potencialidades do corpo e possibilidades dos sentidos é percebido nesse excerto, em que a narradora se mostra surpresa diante das habilidades da protagonista.

Outro ponto que chama a atenção é a relação conjugal harmoniosa entre Daluz e o esposo; embora, na medida em que Daluz engravida, os temores de possuir não só uma esposa cega, mas seus herdeiros, apavoram esse homem a ponto de ele não controlar os sentimentos, até então sufocados, diante da esposa e conhecidos, por um medo desesperado de tornar-se pai de um ser anômalo, incompleto, defeituoso, o que “há falta”, chegando a cometer suicídio no momento em que a filha nascia. De certa forma, abandona mãe e filha à própria sorte.

Nesse momento, há um rasgo nessa relação que, aparentemente, era “harmoniosa”, pois, ao esbarrar na aparência física da esposa, por mais que parecesse tentar ou tentasse compreender e respeitar seus limites, o companheiro não consegue enxergar, em sua plenitude, a essência de Daluz. Ao contrário dele, que possuía a interdição do olhar, Mirtes Aparecida nunca perdeu a percepção do mundo.

## Considerações finais

A escrita de Conceição Evaristo busca caminho por palavras que incluem e centralizam as mulheres negras. Ela cria e constrói, a partir de sua subjetividade, uma estética própria para sua escrita literária: a literatura que apresenta a afroncentricidade construída e experimentada a partir da vivência de homens e mulheres negras na sociedade brasileira. Sua escrita faz-se um retrato de memória e retomada da identidade do povo negro-brasileiro que lida com as sombras e marcas da escravidão no dia a dia, no presente.

A superação que envolve os contos, “Aramides Florença” e “Maria Aparecida da Luz”, na tessitura das personagens femininas, desenha uma outra perspectiva sobre a mulher negra, diferente da apresentada pela literatura canônica: envolta em laços de ancestralidade, com famílias, filhos, independência financeira, possibilidades de

construção de uma descendência. Elas são, em suas singularidades, centralizadas e ocupam, nas narrativas, espaços e funções sociais que as tornam donas de suas próprias histórias.

Tem-se, assim, a insurgência de um novo retrato de literatura nacional, que inclui a escrita/arte de escritoras que escrevem sobre outras tantas personagens negras que se narram e narram-se para uma narradora, também, negra. Conceição Evaristo, sua narradora e suas personagens presentificam a necessidade de se voltar para a produção artística de mãos negras que perpassando por Esperança Garcia, Maria Firmina dos Reis e tantas outras contemplam o país com uma escrita que olha de dentro e narra a vida negra de uma perspectiva de contradiscurso.

## Referências bibliográficas

ALVES, Mirian. A Literatura Negra Feminina no Brasil: pensando a existência. In: Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as. Goiânia. v. 1, n. 3, p. 181-190, fev. 2011. Disponível em: http://abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/280. Acesso em: 30 jan. 2019.

ASANTE, Molefi Kete. *Afrocentricidade* - A teoria de mudança social. Tradução: Ana Monteiro-Ferrera, Ama Mizani e Ana Lucia. Afrocentricity, 2014.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina***;** tradução Maria Helena Kühner – 11ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BRAIT, Beth. *A personagem*. – 9. ed. – São Paulo: Contexto, 2017.

CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade*. 9º ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos***: (**mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números); tradução Vera da Costa e Silva... [et al.]. 20. Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

CARNEIRO, Sueli. "Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero". In: ASHOKA EMPREENDIMENTOS SOCIAIS; TAKANO CIDADANIA (org.). *Racismos contemporâneos*. p. 49-58. Rio de Janeiro: Takano, 2003.

CORTÊS, Cristiane. Diálogos sobre escrevivência e silêncio. In: DUARTE, Constância Lima; CORTÊS, Cristiane; PEREIRA, Maria do Rosário A. (orgs.) *Escrevivências*: Identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo. Belo Horizonte: Idea, 2016.

DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura Contemporânea: um território contestado***.** Vinhedo, SP: Editora Horizonte, 2012.

DAVIS, Angela. *Mulheres, cultura e política*. tradução Heci Regina Candiani. – 1. ed. – São Paulo: Boitempo, 2017.

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. tradução Heci Regina Candiani. – 1. ed. – São Paulo: Boitempo, 2016.

DUARTE, Eduardo de Assis. *Literatura afro-brasileira*: 10 autores do século XVIII ao XX. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.
DUARTE, Eduardo de Assis. Memórias da dor. In: Cândido, Biblioteca Pública do Paraná, Curitiba, 76. ed., p. 12-17, nov. 2017. Disponível em: https://www.bpp.pr.gov.br/Candido/Noticia/Ensaio-Conceicao-Evaristo. Acesso em: 30 nov. 2018.
EVARISTO, Conceição. *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Belo Horizonte: Nandyala, 2011. (Coleção Vozes da Diáspora Negra – Volume 7).
EVARISTO, Conceição. *Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade*. Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 17 dez. 2009. Disponível em: http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4365. Acesso em: 03 abr. 2018.
EVARISTO, Conceição. *Poemas de recordação e outros movimentos*. 72 p. Belo Horizonte: Nandyala, 2008. (Vozes da Diáspora Negra, 1).
FERRÉZ (Org.). *Literatura marginal*: talentos da escrita periférica. Rio de Janeiro: Agir, 2005a.
PAZ, Octávio. *O Arco e a Lira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
RIBEIRO, Djamila; *O que é lugar de fala?* – Belo Horizonte (MG): Letramento: Justificando, 2017.
RIBEIRO, Djamila; *Quem tem medo do feminismo negro?* – 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
RUFFATO, Luiz. *Questão de pele*. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2009.
SOUSA E SILVA, Assunção de Maria. Prefácio. In: EVARISTO, C. *Histórias de leves enganos e parecenças*. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

**Recebido em:** 30/06/2020 **Aceito em:** 30/06/2020

**Referência eletrônica:** SOARES, Deivanira Vasconcelos; CUNHA, Eronilde dos Santos. Voz e (re)existência feminina negra nos contos "Aramides Florença" e "Mirtes Aparecida da Luz", de Conceição Evaristo. *Criação & Crítica*, n. 29, p., mai. 2021. Disponível em: <http://revistas.usp.br/criacaoecritica>. Acesso em: dd mmm. aaaa.